

Ana Beatriz Rodrigues do Lago de Moraes

A ALEGRIA DE PODER OUVIR DE DANÇAR

A Dança para Portadores de Deficiência Auditiva

Rio de Janeiro
1998.

A ALEGRIA DE PODER OUVIR E DANÇAR

A Dança para Portadores de Deficiência Auditiva

Ana Beatriz Rodrigues do Lago de Moraes

Orientadora: Sandra Albernaz de Medeiros

Monografia apresentada ao Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade do Rio de Janeiro como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Especial.

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO -UNI-RIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

1998.

Dedico esta monografia ao Dr. Guy Perdoncini.

Algumas pessoas dizem que a vida é um presente de Deus.

Não é um presente comum com valor próprio e definido.

Mas um diamante bruto, que brilha cada vez mais à medida que o

lapidamos, e que nos dedicamos com intensidade e fé.

Seu valor não está estabelecido em como foi concebido mas sim, no que

seremos capazes de transformá-lo.

Deus deve se orgulhar muito deste filho a quem chamamos Guy

Perdoncini, que fez de sua vida o sorriso de muitas crianças em nosso

lindo mundo.

A ele dedico com humildade estas páginas.

Agradecimentos

- *Ao meu marido Paulo Roberto, meu companheiro de todos os momentos pelo incansável incentivo e força ao meu trabalho, e por todo epenho para a realização de meus sonhos.*
- *A meus filhos, meus tesouros. Tadeu e Beatriz pela luz e alegria de todos os dias.*
- *À minha mãe irene minha querida grande amiga, pela paciência, incentivo e por todos os ensinamentos.*
- *A meu pai, Milton, que mesmo longe, continua servindo de exemplo e por tudo que me proporcionou para que eu chegasse até aqui.*
- *À minha sócia, grande amiga Mônica C.Campello, companheira nesses 13 anos de caminhada onde juntas choramos, rimos, descobrimos, conquistamos muitos caminhos e conseguimos chegar até aqui, mantendo acesa a chama do amor ao Centro de Dança e Estudo do Deficiente Auditivo, nossa maior realização- minha admiração.*
- *À professora Alpia Couto por seus ensinamentos.*
- *A meus alunos por todo ensinamento que deram*
- *À tia Jurema por sua constante ajuda nas revisões de redação de meus trabalhos e artigos*
- *À orientadora professora Sandra pelo seu incentivo e interesse por este trabalho.*

Resumo

Esta monografia vem relatar o trabalho desenvolvido há 10 anos no Centro de dança e Estudo do Deficientes Auditivo criado pela autora.

O Centro de dança tem como objetivo ensinar dança à crianças e adolescentes surdos. Este atendimento se baseia na educação auditiva, que estimule o resíduo auditivo visto que mesmo o portador de uma surdez profunda apresentará um resíduo auditivo sendo raro encontrarmos um indivíduo anacúsico (sem resíduo auditivo).

O método utilizado é o audiofonatório de Guy Perdoncini adaptado pelas criadoras ao ensino da dança.

Esta pesquisa levantará dados que venham a sustentar que a dança é capaz de possibilitar a descoberta da capacidade do indivíduo deficiente auditivo desenvolvendo sua função auditiva, e a linguagem oral, contribuindo ainda para informar à sociedade as reais capacidades do portador de necessidade educacional especial através da arte universal: a dança.

Sumário

1º Movimento- Introdução	pág. 6
2º Movimento- Metodologia	pág. 8
3º Movimento- Fundamentação Teórica	pág.10
4º Movimento- A História da Dança	pág.15
5º Movimento- O Método Perdoncini	pág.21
6º Movimento- O Método Perdoncini e o Centro de Dança e Estudo do Deficiente Auditivo- sua História	pág.30
7º Movimento- Análise das Entrevistas	pág.39
8º Movimento- Arte e Inclusão- Conclusões	pág. 42
9º Movimento- Referências Bibliográficas	pág.49
10º Movimento- Anexos.	pág.52

1º Movimento:

Introdução

Esta monografia vem relatar o trabalho desenvolvido há 10 anos do Centro de Dança e Estudo do Deficiente Auditivo criado em 1987 pela autora. A criação deste Centro de Dança se deu a partir da vivência e experiência de 8 anos como professora de educação física em escola de deficientes auditivos onde se verificou que, trabalhando com diferentes linguagens como a dança, música, jogos e esporte levava o aluno a se descobrir, conhecendo suas possibilidades através do corpo, além de poder trabalhar as necessidades especiais como desenvolvimento da fala, audição e compreensão de forma mais prazerosa.

Essa descoberta se deu juntamente com os alunos, onde através da dança mostravam-se mais interessados em falar e aprender a ouvir.

Partindo disto, foi criado o Centro de Dança para atender outros alunos que não fossem daquela instituição como também para ampliar o trabalho em dança.

É fundamental que se desenvolva a linguagem oral e a audição residual de maneira prazerosa, mostrando ao aluno que é bom poder ouvir e falar. Para isso é preciso que a escola desperte nele o desejo de aprender. A escola hoje está longe do prazer, ela se mantém distante das necessidades dos alunos não só portadores de deficiência, mas de todos.

Observa-se que o professor de deficientes auditivos não se preocupa em criar estratégias e atividades lúdicas, atividades que despertam o prazer dos alunos. É comum observarmos os professores, desenvolvendo linguagem e audição de maneira tradicional, reproduzindo técnicas sem a preocupação de oferecer atividades que sejam significativas, gerando assim uma linguagem formal e artificial. Ainda podemos observar que muitas vezes os professores justificam as dificuldades em desenvolver linguagem, no grau de surdez dos alunos, não reconhecendo que o problema está no processo, ou seja, na prática pedagógica.

Deste modo este projeto tem como objetivo demonstrar que, através da dança e da música, é possível desenvolver os objetivos específicos do deficiente auditivo de maneira natural, informal e lúdica.

Nesses 10 anos muitos estudos foram feitos, observando melhora em vários aspectos nos alunos. Através desta pesquisa a autora levantará dados que venham a sustentar que a dança é capaz de possibilitar a descoberta da capacidade do indivíduo portador de necessidades educacionais especiais, além de desenvolver o potencial residual auditivo e lingüístico mesmo em portadores de surdez profunda.

2º Movimento:

Metodologia

A escolha quanto à abordagem metodológica se dá ao fato de estar em contato direto com a situação que está sendo investigada visto que, os sujeitos deste estudo são os alunos do Centro de Dança do qual sou fundadora no cotidiano da sala de aula. Esta pesquisa, segundo Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados escritos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo que o produto e se preocupa em retratar a pesquisa perspectiva dos participantes.

Como instrumento será utilizada a pesquisa semi- estruturada, sendo esta básica para coleta de dados dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa. Esta entrevista será feita com dez pais de alunos e ex-alunos do Centro de Dança e Estudo do Deficiente Auditivo. Cada família será entrevistada individualmente podendo ter a participação do aluno. A entrevista caminhará partindo de um esquema básico, um roteiro, podendo fazer adaptações e novas perguntas, quando necessário, com flexibilidade.

Esta foi escolhida por permitir que os entrevistados possam interagir percorrendo sobre o caminhar dos filhos. A entrevista estabelecerá um clima de confiança e de estímulo para que as famílias se sintam à vontade em expressar suas opiniões e relatos de forma autêntica.

A análise de dados será feita a partir da análise de transcrições das entrevistas. Os focos específicos da pesquisa são: o desenvolvimento da linguagem oral; audição residual; compreensão da linguagem; conhecimento corporal; auto-estima; desempenho pedagógico. Esses focos serão analisados utilizando como apoio bibliográfico especialistas da área de deficiência auditiva, políticas educacionais e linguagem, como: Vygotsky. No que diz respeito à linguagem; Guy Perdoncini, Alpia Couto Lenzi e respeito da educação auditiva e compreensão da linguagem. Ainda nesta análise serão refletidos os aspectos social, econômico, político educacional.

3º Movimento:

Fundamentação Teórica

Este trabalho utiliza o método francês audiofonatório Guy Perdoncini. Este método parte da educação auditiva para que utilizando seu resíduo auditivo, resíduo este que a maioria possui, o indivíduo aprenda a falar e compreenda a linguagem oral.

No método Perdoncini de educação auditiva e a linguagem encontra-se um meio de proporcionar ao indivíduo deficiente auditivo (mesmo profundo) uma educação auditiva capaz de desenvolver seus limiares diferenciais de audição, permitindo o aproveitamento de sua audição residual para a percepção da linguagem, completada pela percepção visual, controle da voz e fala (Couto, 1988).

Este método será desenvolvido nos capítulos que se seguem.

"Hominização: processo há um só tempo biológico, sociológico e cultural, constitui verdadeiramente o problema a chave que revela a relação entre o biológico, o sociológico, e o antropológico em sua profundidade e complexidade." (Morin, 1973)

Assim verificamos um homem complexo que tem que ser considerado nos aspetos biológico, social, psicológico e cultural.

É importante considerar, antes de mais nada, este indivíduo portador de necessidades educacionais especiais, como sujeito complexo, não podendo ser visto pela sua deficiência.

“A deficiência não é só impossibilidade, mas também é força. Nesta verdade psicológica se encontra o início e o fim da educação social dos alunos com deficiência.” (Vygotsky / pág. 195/ 1989).

Partindo deste conceito deficiência não significa limitação. O indivíduo é visto como aquele que possui necessidades especiais onde necessita de recursos específicos para assim desenvolver suas potencialidades.

Vygotsky criou conceitos como: zona de desenvolvimento proximal e nível de desenvolvimento real.

Ele define zona de desenvolvimento proximal como distância entre nível de desenvolvimento real e nível de desenvolvimento potencial.

Segundo este teórico é importante considerarmos esses dois níveis levando em conta o processo como dado importante no sentido de conhecer o caminhar deste aluno para que assim professor, colegas possam intervir, provocar, e estimular este processo, trabalhando funções que ainda não estão consolidadas.

“A boa aprendizagem é aquela que consolida e sobretudo cria zonas de desenvolvimento proximal sucessivas.” (Góes Apud Assis Alli, pg.56.1991).

No trabalho com deficientes auditivos esta teoria se torna importante quando se objetiva a aquisição da fala e da percepção auditiva no sentido de

estimular a linguagem oral, participando do processo, intervindo e oferecendo pistas, considerando este caminhar. Desta forma enxergar as possibilidades significa não considerá-lo como “mudo” ou incapaz mas sim acreditar e investir em seu potencial auditivo residual e lingüístico oral.

“Debe ser una copia del desarrollo del language del niño normal las fases, las etapas del desarrollo del language deben ser las mismas que en el niño normal, la diferencia residirá solo em los medios, los procedimientos y el tiempo: el niño surdomudo estará em condiciones de hablar a los tres e cuatro años el normal habla ya en el primer año de su vida.” (Rav Apud Vygotsky,pg.93.1989)

Vygotsky acredita na importância da linguagem e na capacidade do surdo em oralizar. Esta será natural para a criança, pois somos seres que utilizamos a linguagem oral como meio de comunicação. Se ele é capaz de desenvolvê-la, como podemos deixar de dar a oportunidade de adquirir a fala ou deixar para segundo plano, considerando como sua segunda língua? A nossa língua é aquela que se refere ao lugar onde nascemos, onde vivemos, onde iremos crescer e nos constituirmos como cidadãos – nossa identidade cultural e assim nos integramos à escola e ao mercado de trabalho. Ignorar uma potencialidade ou desconsiderar a capacidade da fala é enxergar apenas a deficiência, seus limites.

É importante ressaltar que não é difícil fazer o surdo adquirir a fala e sim levar os profissionais que trabalham com deficientes auditivos a reformularem sua prática pedagógica, levando a construção de uma

linguagem significativa e natural, pois não se ensina linguagem, mas a vivenciamos.

“Se reduzirmos de antemão as possibilidades do nosso aluno portador de deficiência e num processo de interação constante procuramos com ele as “vias de acesso” a constituição de conhecimento e valores, estaremos possibilitando que aprenda a se desenvolver apesar da deficiência sem previamente determinarmos até onde terá condições de caminhar.” (Assis e Alli/pg.62. 1996)

Construindo junto com o aluno a linguagem através de pistas, provocando, auxiliando, dialogando juntos professor e aluno, este aluno irá construindo, a partir deste diálogo, a compreensão da linguagem e o desenvolvimento da fala.

Como exemplo, podemos citar uma situação onde o professor pergunta ao aluno: Qual seu nome? Este não responde. O professor, criando pistas através da própria linguagem diz: Meu nome é João, o dela é Maria, o dele é Marcelo e o seu qual é? O aluno através dessas pistas responde. O professor, neste exemplo, valoriza este processo investindo sempre nas pistas e ajudas com o objetivo de alcançar o conhecimento, levando a responder futuramente sem pistas, sozinho. Se o professor não valoriza o processo, este caminho ele apenas constata que o aluno não compreende, utilizando outro recurso para se comunicar.

No processo de educação auditiva, o aprender a ouvir consiste em mostrar as diferenças existentes nos sons. O profissional parte identificando

junto com o aluno o som, mostrando várias vezes de forma natural e lúdica o que o aluno escuta.

Este processo conjunto é uma etapa de construção do "aprender a ouvir", onde o profissional objetiva que o aluno ouça com seu resíduo auditivo e demonstre sozinho que está ouvindo.

O professor, no trabalho de compreensão da linguagem e audição, sempre atua como mediador e considera esta mediação como um recurso utilizado para chegar ao nível de desenvolvimento real. Acredita nas possibilidades, investindo, partilhando e conhecendo o processo pelo qual o indivíduo constrói este potencial.

Deste modo, a teoria de Vygotsky contribui muito no processo de aprendizagem, visto que construímos junto com o aluno, levando em consideração o processo deste aprender, vendo este sujeito com possibilidade e favorecendo professor e alunos na construção deste potencial.

4º Movimento

A História da Dança

“...cada era que compreender a importância do corpo humano, ou que, pelo menos, teve a noção sensorial de sua estrutura, de seus requisitos, de suas limitações e da combinação da generalidade e sensibilidade que lhes são inerentes, cultivou, venerou a Dança.” (Paul Valery Apud Mendes/1987/pg5)

É difícil determinar quando, e como o homem dançou pela primeira vez. Há quem distinga nas figuras das cavernas pelo homem pré- histórico figuras dançando e como tudo que era gravado na caverna significava que era importante para eles, é possível que essas figuras dançantes fizessem parte de rituais básicos para a sociedade.

Já é comprovada a existência da dança como parte integrante de cerimônia religiosa, afirmando que a dança nasceu da religião ou junto com ela.

“Como todas as artes, a dança é fruto da necessidade de expressão do homem. Essa necessidade liga-se ao que há de básico na natureza humana. Se a arquitetura veio da necessidade de morar, a dança, provavelmente, veio da necessidade de invocar os deuses, ou de exprimir a alegria por algo de bom concedido pelo destino.” (Mendes, pg.13.1986)

Os deuses eram invocados e seu auxílio solicitado em várias situações fosse como pedido ou agradecimento. Os deuses eram lembrados nos casamentos, nos batizados, nas colheitas, em várias ocasiões.

Os soldados romanos, por exemplo, executavam, antes de cada batalha, danças guerreiras na qual pediam ajuda a Marte, deus da guerra.

Segundo Miriam Mendes os primeiros registros de atividades dançantes datam do paleolítico Superior. Os homens viviam em pequenos grupos isolados, cultivando um primitivo individualismo apenas ocupados em coletar alimentos. Conforme o crescimento das civilizações a maneira de dançar ia se tornando própria daqueles grupos étnicos e sociais.

Entre os gregos, a dança sempre integrou os rituais religiosos. Para eles a dança já tinha poder mágico e usavam máscaras nos rituais onde davam liberdade de ação.

"Existem dançarinos que expressam costumes, paixões, ações por meio do ritmo aliado ao gosto." (Aristóteles, in Mendes, pg14.1987) .

Na civilização grega, na remota antigüidade, a dança constituía parte importante do ritual religioso, do drama, da educação, dos divertimentos.

Roma nunca prestigiou a dança como os gregos, admirando-a apenas como espetáculo, principalmente associada à pantomima.

A dança se define do Renascimento onde se procurava o conhecimento racional das coisas e do homem como algo perfeitamente caracterizado, capaz de associar-se na sua integridade, a elementos tão perfeitamente caracterizados. Graças à ordenação e codificação dos

movimentos da dança, já era possível estudar separadamente os seus passos.

No século XX e depois de profundas transformações sociais é que o balé se tornaria uma arte aberta e acessível ao público, atingindo a diversas classes, cujas danças populares se tornariam, por sua vez, espetáculo elitizado nos palcos ocidentais.

Dança Folclórica

É difícil definir, com datas precisas, o surgimento da dança folclórica. É possível que essas danças fossem dirigidas por sacerdotes dentro de processo e figurações de cunho místico preestabelecido. Sem dúvida, era um recurso empregado pelo clero para manter o povo ligado ou subjugado pelos poderes celestes.

O homem do campo dança de felicidade quando tem boa colheita . No Brasil o carnaval é a maior festa popular em todo país. A dança atesta a necessidade do homem simples de se manifestar através do movimento de seu corpo.

A dança está intimamente ligada à ponta da vida do ser humano como por exemplo, os índios conservam suas tradições através de uma seqüência de movimentos que representavam uma verdadeira coreografia. O índio expressa seus sentimentos de alegria ou tristeza pedindo ou agradecendo tal

como deveriam fazer as tribos européias nos primórdios da civilização ocidental.

"... a progressão da dança de cerimônia religiosa, a arte dos povos, não é aleatória mas obedece a padrões sociais e econômicos que tiveram efeito semelhante sobre as demais artes as quais não surgiram do nada, mas nasceram da necessidade latente da criatura humana de expressar seus sentimentos, desejos, realidade, sonhos e traumas através das formas mais diversas." (Faro, pg.16.1986)

Diante desta citação, a dança hoje também pode ser uma forma de expressar sentimentos, os desejos, os sonhos, o protesto e o alerta dos portadores de necessidades educacionais especiais.

Os portadores de deficiência física, sensorial ou mental encontram na dança um meio de comunicação e a forma de contar sua história e principalmente informar suas capacidades e potencialidades, visto o crescimento de sua prática.

A dança baseada neste pequeno histórico, retrata a política econômica e social, a religiosidade e o poder de uma sociedade. Seja para manter o povo ligado aos poderes celestes, seja para pedir ajuda em uma batalha, seja para agradecer a boa colheita.

"Dançar é extravasar todo seu interior, transformando seus movimentos corporais em arte, numa tentativa de reproduzir a natureza em forma de expressão." (Viana, pg.64.1990).

O homem possui, como já foi dito, a necessidade de se expressar seja através da palavra, da escrita ou de seu corpo. O corpo expressa, o corpo fala e pode ser um instrumento de aproximação, um veículo de informação para mostrar as capacidades do indivíduo (Anexo2,foto1).

É importante não transformar a dança em uma mera execução de movimento, movimentos esses copiados de outro, expressando assim o sentimento do outro e não de quem dança. É fundamental que nas aulas de dança o profissional tenha bem claro que suas atividades e exercícios desenvolvam a expressão e auto- conhecimento. O professor não deve ser o modelo perfeito que todos os alunos têm que copiar, e sim deverá ser aquele que estimula, sugere ações, que levem ao auto- conhecimento aplicando as técnicas específicas e descobrindo como utilizá-las. O aluno precisa, primeiramente, sentir e compreender a música, se identificar e deixar fluir seus sentimentos. (Anexo3,foto2)

“Se a dança é um modo de existir cada um de nós possui a sua dança e o seu movimento original, singular e diferenciado, e é a partir daí que essa dança e esse movimento evoluem para uma forma de expressão em que a busca da individualidade possa ser entendida pela coletividade humana.”
(Viana, pg88,1990)

Dançando, o homem pode abrir caminhos, conquistar espaços e sendo assim o portador de necessidades especiais pode utilizar esta arte tão abrangente e que sempre fez parte da história da humanidade, para remover barreiras e transformar a sociedade.

O Poder da Música

A música é um fenômeno tão presente na vida do homem que desde suas origens, podemos afirmar que a produção musical ultrapassa os limites do tempo, as fronteiras do espaço, as diferentes épocas e culturas.

É fundamental poder ouvir e perceber o mundo em que vivemos, em especial os sons e os silêncios do mundo, além daqueles sons e silêncios que podemos produzir com o nosso corpo, com materiais diversos. Seja qual for nossa cultura, nascemos ouvindo música: canções de ninar, brincadeiras de roda...

A música mobiliza a inteligência e a sensibilidade possibilitando a inter-relação entre emoção e razão.

"Expressar-se pela música dançando. Cantando, criando diferentes ritmos, sons, e até mesmo, dramatizando diferentes produções sonoras possibilita aos alunos a descoberta da importância da magia e do desejo de viver sempre que possível tendo a música e outras linguagens artísticas como parceiras." (Assis et Alíi- Multi Educação, pg187.1996)

5º Movimento

Método Perdoncini

Método Audiofonatório Guy Perdoncini

"Em um mundo limitado, apaixonado e pouco científico, onde se defrontam os defensores da linguagem gestual, do oralismo ou áudio oralismo, nossa atitude, inspirada e guiada pela mensagem da criança surda, legitima nossa opinião (intuitivamente proposta há trinta anos) educação auditiva, comunicação oral, integração ao ambiente dos ouvintes. (Guy Perdoncini,pg19-1996)

O deficiente auditivo é aquele que possui uma diminuição de seu limiar auditivo, sua capacidade de ouvir, podendo variar conforme as perdas: Perda Leve (20 a 40 db); Perda Moderada (40 a 70 db); Perda Severa (70 a 90 db); Perda Profunda (acima de 90 db). Isso significa dizer que quando uma criança possui uma deficiência auditiva significa que escuta apenas alguns sons. O portador de surdez profunda irá perceber sons acima de 90 db, ou seja, sons muito fortes.

Toda criança surda, mesmo aquelas com surdez profunda (com raríssimas exceções) possui uma capacidade de ouvir mesmo num pequeno resíduo. Esses restos auditivos se forem estimulados poderão ser utilizados com uso funcional para este indivíduo. A educação auditiva é a base do

método, visa ensinar a ouvir com seus restos auditivos, discriminando os sons que são possíveis e discriminando os sons da fala, levando a criança a ouvir com seus restos auditivos., transformando a audição residual em audição funcional, levando a discriminar sons da fala e aprender a falar.

O método Perdoncini , metodologia francesa, parte da constatação que existem dois limiares: os absolutos e os diferenciais. Os primeiros estão relacionados com capacidade de perceber os sons. O limiar diferencial é adquirido após o nascimento e é a capacidade de discriminar os sons e seus parâmetros, através da exposição ao meio ambiente sonoro em que vivemos. Quando uma criança nasce com uma deficiência auditiva, significa dizer que seu limiar absoluto se apresenta diminuído, entretanto pesquisas demonstram que a capacidade de discriminação dos sons permanecerá intacta dentro da faixa residual. Com base nesta constatação, isto é, que uma pessoa mesmo com uma surdez grave pode aprender a discriminar, a perceber sons, desenvolveu-se a metodologia audiofonatória com objetivo de que os deficientes auditivos possam discriminar os sons e seus parâmetros como som longo de um som breve; um som forte de um fraco; um som grave de um agudo,, chegando a compreender os sons da fala e adquirindo a linguagem oral por um processo mais natural, partindo da audição como faz uma criança que ouve.

"Desta forma, é necessário que a aquisição da linguagem pela criança surda seja vista como um processo natural, no qual a criança recebe (do ambiente) as condições necessárias para poder, ela mesma, assimilar o

sistema de regras da língua a partir da linguagem natural que lhe é oferecida em situação de comunicação. Tudo isso partindo-se da constatação de que, através da educação auditiva pelo método Perdoncini a criança surda pode desenvolver sua função auditiva." (Couto, 1996)

Educação Auditiva

A educação auditiva, que visa a utilização do resto auditivo de maneira funcional, deve ser uma educação auditiva sistemática, ou seja, seguir etapas estabelecidas estritamente seguidas, passo a passo, para que assim ele chegue a compreender pela audição, a percepção visual será feita, naturalmente, diferente da leitura labial do método oral puro, onde priorizou-se a leitura labial onde o aluno lia os lábios para poder compreender. O aluno neste método usará sua percepção visual quando sentir necessidade, pois os sons não podem ser vistos, precisam ser ouvidos, ainda que parcialmente.

Desta forma, é importante o deficiente auditivo ter sua audição educada para facilitar a compreensão da fala, do contrário, essa grande potencialidade será desprezada. O indivíduo tem o direito de desenvolver todas suas potencialidades inclusive a auditiva e a lingüística.

O método Perdoncini parte do princípio fisiológico, segundo o qual "a repetição freqüente de estímulos intermitentes revela a sensação e favorece a aprendizagem e a memorização." Essa repetição não significa um trabalho

mecânico e sem significado. As atividades propostas deverão ser prazerosas, significativas, despertando o prazer de ouvir e falar. A atividade lúdica, os jogos, as brincadeiras deverão ser a base dos atendimentos aos alunos deficientes auditivos. Aprender a ouvir não poderá ser um castigo ou dever mas sim prazer e alegria. (Anexo 4, foto3)

A repetição freqüente de estímulos intermitentes não deve significar massificação e repetição em visão comportamental e sim favorecer sempre a interação professor aluno.

Quando dizemos que o aluno possui uma surdez profunda, significa dizer que percebe sons em uma intensidade acima de 90db., mas não é só isso, também percebe freqüências que podem ser graves e agudas. Através de audiometria, podemos verificar pelo gráfico que intensidade de som e freqüência o indivíduo escuta. Isto é muito importante considerar, pois a cadeia falada é constituída pelos fonemas que possuem formantes (componentes) graves e agudos. Através do estudo da audiometria podemos verificar que freqüências o indivíduo ouve, ou seja, que fonema é possível ouvir ou não. A área da palavra se encontra nas freqüências entre 500 e 2000; ou seja, a maioria dos fonemas estão situados nesta faixa. Um estudo feito recentemente revelou que "mesmo surdos profundos têm uma audição residual aproveitável, sendo que muitos com freqüência até 2000 ou 4000 Hz; o que significa a possibilidade de atingir os sons da fala, desde que sejam devidamente aparelhados e que recebam a correta educação auditiva." (Couto-Lenzi-1997)

Etapas Auditivas

A educação auditiva deve ser sistemática e seguir etapas que levem a percepção auditiva partindo de atividades mais fáceis para as mais complexas.

Primeiramente o aluno aprende a perceber os sons, e depois descobrirá que esses sons podem ser diferentes, decodificando, desenvolvendo assim seu limiar diferencial.

- **Audição Passiva**

É o primeiro contato onde a criança descobrirá os sons,. Neste momento oferece-se os sons para que ele descubra. Geralmente esta etapa é iniciada com crianças bem pequenas.

- **Som e Silêncio**

A partir desta etapa começa o desenvolvimento da função auditiva o objetivo é que ela reconheça e discrimine quando existe som e quando não existe. As atividades, jogos terão como objetivo que o aluno demonstre com seu corpo que está ouvindo. Quando a criança já percebe o som e o silêncio, começa-se a trabalhar os parâmetros do som, ou seja, que tipo de som. Os parâmetros são: duração, intensidade e frequência.

- **Duração**

Este parâmetro é muito importante pois se relaciona com a fala, a melodia da fala. A criança aprende a ouvir os sons longos e breves. Os sons longos referem-se a sílaba tônica das palavras e o som breve às sílabas átonas. A criança ouvinte aprende a falar, primeiramente, repetindo algumas sílabas, depois passa a falar melodicamente, omitindo ainda vários fonemas. Sua fala é melódica, ela oraliza as palavras com a melodia correta. Apesar de não falar ainda vários fonemas, sua fala é bastante compreensiva, pois a nossa fala é basicamente melódica.

Diante disto o desenvolvimento da fala no deficiente auditivo deverá seguir o mesmo percurso do aluno ouvinte emitindo algumas sílabas (ba ba/ Au au), depois emitindo as palavras através da melodia. Ainda sem muitos fonemas, e só depois a criança emite os fonemas.

Por isso a etapa da duração é importante, pois inicialmente o indivíduo discrimina os sons longos e breves de instrumentos (corneta, apito) e depois discrimina a voz oralizando e percebendo palavras, chegando às frases pela melodia.

- **Intensidade**

O aluno irá perceber quando os sons são fortes ou fracos. Essa discriminação se fará partindo de instrumentos musicais, da música chegando à voz e a fala, levando a uma oralização com entonação correta.

- **Frequência**

Os sons trabalhados deverão ser primeiramente bem distintos, ou seja, frequência bem diferentes, utilizando instrumentos como tambor (grave) chocalho (agudo). Da mesma forma a discriminação para a voz, iniciando com vogais bem distintas como por exemplo /u, i/ - mais agudas e / o, e/ mais graves.

O trabalho auditivo deverá preparar a criança para melhor compreender a fala e melhor falar com uma boa voz e uma boa melodia.

A educação auditiva visa a facilitar a aquisição da linguagem (compreensão e fala) e utiliza a linguagem para aperfeiçoar a educação auditiva, permitindo assim, o aperfeiçoamento da fala e linguagem.

O que se pretende é que esta compreensão da linguagem e a fala sejam desenvolvidas de forma natural, transformando-as em situações de comunicação. Falando sempre com o aluno de forma natural, com frases completas juntamente com a educação auditiva irá desenvolver sua compreensão, ouvindo os sons possíveis, completando aqueles que não ouve diante daquela situação que está ocorrendo. Assim formará a função auditiva e desenvolver sua linguagem.

“Essa nova concepção de educação sensório- psicomotora aplicada em todos os países permitirá integrar os surdos no “mundo dos ouvintes”... Pode-se dizer que uma grande maioria dos surdos, deverá desaparecer em 2 ou 3 gerações dando lugar a indivíduos que passaram a ouvir com seus restos de audição.” (Dr.Guy Perdoncini)

• A Prótese Auditiva

O papel da prótese auditiva é a ampliação dos sons recebidos pelas células sensoriais do órgão de corti.

A ação da prótese só poderá ser realizada sobre células receptoras existentes, o campo auditivo da criança.

"Sabe-se que não é necessário o reconhecimento de 100% dos elementos sonoros ou dos elementos lingüísticos para obter-se inteligibilidade sonora ou compreensão semântica 100%." (Couto, pg.30-1996)

A prótese é adaptada e feita baseada no audiograma da criança e esta servirá para ampliar os sons recebidos, sendo de fundamental importância para a criança surda.

É importante que se desperte na criança o prazer de ouvir para que ela sinta vontade e aceite a prótese. No início a criança não sentirá espontaneamente o benefício trazido pelo aparelho, desta forma o profissional e os pais devem incentivar o uso de maneira natural, mostrando que é bom ouvir e que o aparelho contribuirá para isso.

A credibilidade da família é fundamental para que este incentivo seja feito de fato, acreditando e passando para a criança uma verdade e um prazer.

A prótese será o "ouvido" do aluno, e esta deverá ficar sempre em seu ouvido, retirando apenas para dormir e tomar banho. Desde cedo,

conscientizando-se da importância do aparelho a criança não irá sentir sua prótese como um corpo estranho, ela passa a constituir parte de seu corpo.

6º Movimento

O Método Perdoncini e o Centro de Dança e Estudo do Deficiente Auditivo

Sua História

O Centro de Dança e Estudo do Deficiente Auditivo foi criado em 1987 por mim e pela fonoaudióloga Mônica Campello, como o objetivo de ensinar dança aos alunos deficientes auditivos através do método Perdoncini.

O maior objetivo do Centro é utilizar a dança como meio de informação, divulgação das potencialidades do portador de necessidades educacionais especiais.

Antes da criação do Centro de Dança, já atuava há 6 anos com deficientes auditivos como professora, onde vivenciava todo o trabalho desenvolvido na escola onde trabalhava, assim como conhecia o trabalho em outras. Já naquele tempo se falava em vários métodos de trabalho. Através das aulas de educação física fui aplicando a metodologia audiofonatória de Guy Perdoncini onde desenvolvia a educação auditiva, a linguagem e compreensão oral através de jogos, música, dança, e atividades lúdicas. Desde então percebi o quanto era possível desenvolver a linguagem e compreensão oral. Preocupe-me sempre em divulgar estas descobertas,

visto que as informações que nos chegavam e também à sociedade eram sempre muito restritas.

A cada dia de trabalho com os alunos era uma descoberta nova, uma conquista. Sua função auditiva se firmava, sua oralização melhorava, sua auto-estima e socialização aumentavam. Como a dança já fazia parte da minha vida profissional, encontrei nesta arte a forma de divulgar tudo que descobria e cada vez mais acreditava. Utilizei a dança como meio de informação e divulgação das reais possibilidades do deficiente auditivo. Criando o Centro de Dança, em novembro de 1987.

A Dança e o Método Perdoncini

A adaptação do método à dança foi feita através de um estudo profundo do método, unindo aos procedimentos de ensino da dança, fazendo uma união perfeita do método, música e dança.

O método se baseia em desenvolver a função auditiva através da música, onde os alunos aprendem a discriminar as diferenças existentes na música, partindo das etapas auditivas. (Anexo 5, foto 4)

Na prática podemos exemplificar a etapa do som e silêncio que refere à primeira etapa do método onde o aluno descobre quando existe música e quando não existe. Partindo desta etapa o aluno poderá identificar outras diferenças existentes. Como por exemplo, quando o cantor canta e pára de

cantar; quando há uma intensidade maior ou menor; quando e qual instrumento é tocado; que frequências são mais perceptíveis. A escolha da música se dá a partir da etapa auditiva em que a criança se encontra; a técnica da dança que será trabalhada; o interesse e a faixa etária.

A compreensão e a estruturação da linguagem são feitas sempre através de situação vivenciada, o tema que irá dar início ao trabalho será ligado à música.

A estruturação da linguagem escrita também será trabalhada partindo também do tema da música. Pode-se criar uma nova letra para a música, ou escrever textos referentes ao tema, como poesias.

O Processo de Ensino da Dança

Na aula de dança, o trabalho é feito utilizando-se o corpo. Os movimentos corporais, os exercícios específicos da dança são executados a partir das diferenças percebidas pelos alunos. Como exemplo: quando acontecer o silêncio não haverá movimento, quando voltar a música haverá o movimento. O movimento é sempre um reflexo da música ou seja, das diferenças existentes. (Anexo 6-foto5)

Essas diferenças podem ser som e ausência de som; quando fica forte ou fraca a intensidade, quando o cantor canta e pára de cantar quando existe uma diferença de frequência e instrumentos. Essas diferenças será definidas

e trabalhadas com os alunos, os passos da dança serão modificados quando houver uma "diferença" em que os alunos forem trabalhados para percebê-lo auditivamente.

Não é utilizada vibração sonora, pois o objetivo é desenvolver a percepção auditiva e não a tátil. Também não é utilizada a contagem de tempo, onde a aluno contará quantas vezes o passo será executado; ela irá modificar o passo quando perceber com seu resíduo na música.

O ritmo é desenvolvido utilizando-se instrumentos musicais onde o aluno incorpora o ritmo auditivamente para depois introduzi-lo ao movimento.

(Anexo7-foto6)

A coreografia é constituída através das mudanças trabalhadas, sendo que, cada passo se modifica a partir da modificação existente na música.

Coreografia

Criar não é chegar com uma música qualquer e começar um, dois, três, quatro. O professor necessita estudar a música e saber o que está por trás daquela música, definir seus objetivos, deixar fluir sua criatividade partindo de um sentimento para que assim possa expressar suas emoções através de movimentos definidos.

Considerações:

- Os elementos (passos) deverão ser de acordo com a faixa etária dos alunos;
- Os alunos deverão executar os movimentos sozinhos, sem a presença do professor, por isso o movimento deverá ser adequado ao desenvolvimento motor.
- A dança deverá gerar prazer ao aluno (trabalho de compreensão e expressão)

Etapas da Construção da Dança

- 1º Ensinar o 1º movimento a ser executado (sem música)
- 2º Trabalhar-se o ritmo deste movimento (sem música)
- 3º Movimento dentro da música (execução do movimento com ritmo correto iniciando e finalizando partindo da percepção auditiva da música)
- 4º Ensina-se o 2º movimento a ser executado (sem música)
- 5º Trabalha-se o ritmo deste movimento (sem música)
- 6º Movimento dentro da música (ídem ao 3º - só do 2º movimento)
- 7º Executar o 1º e 2º movimentos dentro da música.

O Trabalho com a Família

"À medida em que vão aparecendo os sucesso da educação e da integração, os pais constataam a eficiência da criança e darão menos importância à sua deficiência." (Couto, pg.26-1997)

A família é o ponto de grande importância no trabalho desenvolvido com o portador de necessidades educacionais especiais. Esta família é composta de sujeitos que fazem parte da nossa sociedade. Uma sociedade desinformada e subinformada, preconceituosa e excludente. Diante disto a família que encontramos é desinformada e geralmente não acredita nas capacidades de seu filho. Muitas vezes relatam terem ouvido de profissionais que seu filho não será capaz de aprender pelo seu comprometimento. O profissional necessita fazer um investimento bastante intenso com essa família pois é importante que a família faça seu papel para construção da linguagem e audição.

Primeiramente a família precisa conhecer o que venha a ser deficiente auditivo e depois necessita conhecer a metodologia e como é possível desenvolver sua linguagem, sua audição residual, assim como conhecer e descobrir a importância da prótese auditiva., para assim acreditar nas possibilidades de sua criança, encarando-a como uma criança com características de sua faixa etária como outra criança sem "pena" e sem "culpa".

Para construir esse “acreditar” na família é preciso orientar a participação dos pais através de variados recursos como:

1) Reunião de pais:

- Trabalhando um tema;
- Utilizando textos
- Utilizando música
- Utilizando dinâmicas

2) Encontro de pais:

- Organizar um encontro de pais durante um final de semana, com palestras, debates, trabalho em grupo, troca de experiências. (Anexo3-foto7)

3) Participação dos pais nas aulas:

- É importante fazer os pais “verem” o desempenho de seu filho, podendo vivenciar junto com ele o processo, participando ativamente da aula e em outro momento os pais podem assistir à aula.

4) Atendimento e conversas individuais

- São momentos que o profissional tem com os pais, separadamente, para conversar e orientar especificamente aquele aluno.

- Esses recurso têm como objetivo mostrar aos pais as reais possibilidades de seu filho, para que possam, seguros de sua condição, acompanhar seu desenvolvimento com mais interesse estimulando a criança em todas as situações e esquecendo, pouco a pouco, o impacto negativo causado pelo diagnóstico.
- “A surdez de seu filho irá perdendo sua importância. Irá sendo substituída pela consciência de todas as capacidades que tem a criança independentemente da surdez.” (Couto, pg.26-1996.

Os 10 anos de CDEDA

Nesses 10 anos muito se construiu; estudos foram feitos, conclusões elaboradas, descobertas e alegrias concretizadas.

Como já foi dito, a informação é um dos objetivos principais deste trabalho. Diante disso, a preocupação de informar aos profissionais também faz parte de nosso objetivo. O Centro de Dança vem promovendo cursos no Rio de Janeiro e em outros estados para formar profissionais no método com a utilização da dança.

Nesses 10 anos foram feitos 9 espetáculos dos alunos onde, em cada ano, é mostrado o trabalho desenvolvido, em torno de 8 números com diversos estilos de dança incluindo clássico e sapateado.

Esses espetáculos são apresentados em teatro para as famílias e convidados em geral.

Nesses 10 anos concluímos em torno de:

- 54 coreografias.
- 12 cursos dados no Centro de Dança.
- 40 participações entre congressos, simpósios e conferências.
- 9 espetáculos
- Em torno de 70 alunos deficientes auditivos foram atendidos na faixa etária de 5 a 23 anos.

O Centro de Dança ainda possui um grupo de dança formado por adultos e adolescentes, ex-alunos do Centro de Dança; Este grupo foi formado em 1998 com o objetivo de fortalecer o veículo de informação pela arte suprema: a dança.

7º Movimento

Análise das Entrevistas

“Do ano passado para este ano minha filha é outra.”

Foram entrevistadas 10 famílias de alunos e ex-alunos do Centro de Dança todas com surdez profunda utilizando-se a linguagem oral, com idade variando de 6 a 22 anos. Desses 10 alunos cinco são ainda alunos do Centro de Dança e os outros são ex-alunos.

Pude constatar alguns aspectos apontados pelas famílias a respeito das modificações ocorridas em alunos após terem frequentado e praticado a dança no CDEDA. Um dos aspectos mais citados foi a transformação no comportamento dos alunos no sentido de hoje serem mais extrovertidos. Relataram que antes apresentavam-se mais tímidos, retraídos com inibição para fala.

Essa modificação contribui para a melhora da linguagem espontânea e também um aumento de sua auto estima.

Outro fator colocado por todos foi o aumento e aceitação do uso do aparelhos auditivo, obtendo uma melhora em sua percepção auditiva, utilizando assim seu resíduo de forma funcional; podendo ser comprovada com a análise do exame audiométrico onde podemos observar o maior aproveitamento residual com melhora nos frequências (Anexo8 -foto 7)

Todos os alunos entrevistados com exceção de uma (com idade de 6 anos) estão integrados em turma comum. A maioria está em escolas municipais onde conseguem acompanhar o conteúdo, mostrando-se bem diante da turma regular, com um bom relacionamento com crianças ouvintes.

Outro aspecto interessante foi a colocação das famílias em relação a dança sempre ligada à alegria e ao prazer (Anexo 9-foto 8).

Podemos assim concluir que através de um trabalho sistemático voltado para o desenvolvimento das potencialidades do portador de deficiência auditiva utilizando a metodologia audiofonatória de Guy Perdoncini que acredita no potencial auditivo e lingüístico podemos desenvolver a audição e a fala.

Este desenvolvimento se refletirá em uma melhor integração social e educacional. A dança como recurso para desenvolver esta metodologia contribui para o auto- conhecimento, o aumento da auto- estima e extroversão. (Anexo 10-foto9)

A dança e o método levam à formação de um sujeito consciente, que acredita em suas potencialidades e que busca a garantia de seus direitos como cidadão. (Anexo 11-foto10)

Encerro esta análise com o depoimento da nossa ex-aluna Helenita Silva:

“Um dia descobri que entre tantos sons que o mundo me oferecia, um deles me deu prazer, me fez sentir alegria, antes me arrepiavam. Era música, ora no seu embalo sentia sono, ora sentia

vontade de pular, agitar e até balbuciar alguns sons, era a dança. Eu fui crescendo e um sonho trazia comigo: aprender a dançar como todas as pessoas. Com carinho, o amor de vocês junto com suas técnicas de trabalho, o meu desenvolvimento veio a ser tão grande que aperfeiçoei a arte de apreciar e diferenciar cada tipo de som.”

8º Movimento

Arte e Inclusão – Conclusões

Alguns Conceitos e Idéias

"Educar a criança deficiente junto da criança sem deficiência é proporcionar-lhe os meios de fazer desabrochar para a vida, todas as suas riquezas morais e espirituais capazes de torná-la um elemento equilibrado e bem formado dentro da comunidade em que vive."

Subseção ensino especial.

SME/1963.

"A rede escolar comum é um fator fundamental para a integração do indivíduo e sobretudo do deficiente visual que ao freqüentá-la passa a participar ativamente da vida da comunidade."

MEC/1970.

"Os governos devem atribuir a mais alta prioridade financeira e política e financeira ao aprimoramento de seus sistemas educacionais no sentido de se tornarem aptos a incluírem todas as crianças independentemente de suas diferenças individuais."

Declaração de Salamanca- 1990

"As pessoas portadoras de necessidades especiais tem direito à participação social efetiva entendendo-se que a sociedade se organiza e se enriquece a partir da interação entre sujeitos diversos"

SME-1996

Integração

"Não se trata de uma inserção física mas de uma proposta de educação integrada que pressupões troca, diálogo, reciprocidade constituição de conhecimento.

A Integração escolar é um direito, não basta só o esforço da educação especial, a discussão e o encaminhamento da proposta sem que haja a participação de todos acontece a margem do processo sendo incompatível com a filosofia de integração."

SME-1996

"Cabe à escola diante deste novo paradigma assumir um papel de vital importância sendo uma instituição social que se pressupões atender a todos os alunos e sua comunidade sem exceção. Será portanto uma escola aberta, pluralista , democrática, de qualidade pedagógica." Não temos dúvida de que a inclusão é uma abordagem ética, porque as pessoas com necessidades educacionais especiais, são cidadãos presentes com direitos assegurados de inclusão plena, não ficando sem ninguém fora do ensino regular.

Gofredo, 1997.

Arte e Inclusão

"Escola e família unidas estarão trabalhando para a integração completa do deficiente auditivo na sociedade tornando-o uma criatura útil e feliz."

1996.

"Incluir não é favor mas troca. Quem sai ganhando nesta troca? Todos em igual medida. Conviver com as diferenças humanas é direito de pequeno cidadão deficiente ou não junto construir um país diferente.

Claúdia Werneck-1997

Refletindo a partir desses conceitos e idéias, podemos perceber, que desde 1963, já eram comprovados os benefícios do aluno portador de necessidade educacional especial estar inserido em turma comum. Em todos os conceitos levam à conclusão que é na relação com pessoas diferentes, que passamos a conhecer a diversidade levando assim a um crescimento conjunto do aluno, professor, escola e comunidade,

Diante disto como podemos analisar hoje a nova proposta de uma escola inclusiva?

A integração não significa o mesmo que a inclusão.

A integração visa a preparar o aluno para estar integrado na escola que não se modifica, já que a inclusão significa o aluno estar incluído em uma escola que atenderá as necessidades especiais deste.

Os conceitos são diferentes mas o pensamento de estar junto já vem existindo desde algum tempo e, a pesar disto, a inclusão parece tão distante da realidade.

Segundo Cláudia Werneck: "A caminho da sociedade inclusiva o governo cumprirá o papel que lhe cabe na constituição, empresários oferecerão empregos ao deficiente, se este for eficiente, escolas de ensino regular terão orgulho de seus alunos com qualquer tipo de comprometimento..."

Mas o que é preciso para que isso se efetive? Como já citamos há anos atrás já se falava em deficientes estarem juntos com não deficientes. Hoje já se vê reformulações nas leis, criação de leis garantindo o direito e favorecendo a inclusão nas escolas e fora dela. Mas como construir de fato uma prática inclusiva? A sociedade ainda está longe de enxergar o "outro" como parte de sua sociedade e o encara como apêndice. O que na verdade acredito que seja um dos pontos-chave desta transformação é a informação.

"A desinformação acentua ainda mais a cerimônia que tanto caracteriza a relação de indivíduos deficientes com não deficientes. A desinformação é o escuro. Pior que a desinformação só a subinformação.

Subinformação é informação errada, pela metade, manipulada pela mídia, distorcida, de boca em boca, antiga, paternalista, não colaboradora da inclusão.” (Cláudia Werneck,pg.224,1997)

Acredito que a desinformação e a subinformação são pontos que contribuam em muito na formação de uma sociedade excludente, preconceituosa, e partidária. É preciso transformar de vez nossa sociedade.

Verifico durante esses anos , o quanto se fala erradamente do surdo, começando pela nomenclatura de surdo e mudo, uma conceituação errada e totalmente sem propósito. Nos meios de comunicação, em novelas é sempre focalizado o “surdinho”, “mudinho”, “coitado”. Quanto é perigoso e sério o que passa num meio de comunicação como a televisão! Além disso o desconhecimento total a respeito dos restos auditivos, ainda se fala de surdo total., nulo. Diante desses conceitos que o indivíduo carrega levam ao distanciamento, ao medo de se aproximar, a exclusão.

“A mãe do medo é a incerteza e o pai do medo é o escuro. A incerteza não é apenas mãe do medo é a mãe da humanidade.” (Werneck,pg225-1997)

É isso que a desinformação gera: distância, medo, que contribuem para cada vez mais produzirem uma sociedade excludente.

É preciso levar informações corretas, mostrando as capacidades reais do indivíduo para que assim facilite a abertura de novos caminhos na escola, na sociedade e no mercado de trabalho. Como pode um sujeito competir no

mercado de trabalho já tão restrito e que já carrega o estigma da incapacidade?

Informar para incluir a arte que é tão abrangente, pode ser um meio de informar. Utilizar a arte para quebrar barreiras, informar, destruir a subinformação, mostrar competência, clarear, pode ser um caminho. Caminho este que precisa da conscientização da família, dos profissionais, do governo. A arte pode detonar reflexões capazes até de romper com os paradigmas estabelecidos.

Precisamos reivindicar, lutar, exigir do governo o cumprimento das leis, nos aproximar da mídia para informar e esclarecer junto a ela, fazendo desta nossa parceria.

Orientar e incentivar as famílias para que sejam elas o ponto de partida junto com os profissionais a derrubarem os muros ainda tão solidificados.

Nossa sociedade precisa ser mudada sim, o portador de necessidades educacionais especiais ainda é muito solitário, em um espaço vazio de poucos movimentos, numa melodia lenta e fraca. Precisamos mudar e sonhar sempre, buscando uma sociedade inclusiva para todos, num ritmo conjunto forte sem espaços vazios.

Imagino a inclusão como o Bolero de Ravel coreografado por Maurice Bejart que começa lento como um bailarino solitário, com um movimento apenas de braços onde, gradualmente, seus movimentos vão aumentando, movendo os quadris e pernas, girando, acompanhando o ritmo um pouco

mais intenso e mais forte. Pouco a pouco seu espaço vazio é preenchido por um outro e outro acompanhado com um som ainda mais forte, mais intenso. Aos poucos o espaço vazio vai sendo todo preenchido, os movimentos definidos, fortes, densos, acompanhando o ritmo bastante intenso e crescente e todos juntos, no mesmo ritmo e vigor cobrindo a gama completa de tons.

“A grandiosidade do volume é de tal forma poderosa, que acaba por engolir a melodia na conclusão.” (Maurice Béjart)

Que assim seja a inclusão!

9º Movimento

Referências Bibliográficas

1. Couto, A Costa ed. Col . *Como compreender o Deficiente Auditivo*. Rio de Janeiro, Rotary Club do RJ, 1985.
2. DECLARAÇÃO de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, CORDE, 1991.
3. _____ *Como posso falar*. Rio de Janeiro, 1988.
4. FARO, Antonio. *Pequena História da Dança*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zaar, 1986.
5. GOFREDO, Vera Lucia Flor. *Integração ou Segregação? O Discurso e a Prática das Escolas Públicas do Município do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UERJ, 1991.
6. LUDKE, M. e André M. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo, EPU.

7. MAZZON, Suzane. *Psicomotricidade, Reeducação e Terapia Dinâmica*. São Paulo. Ed. Manole, 1988.
8. MENDES, Mirian. *A dança*. Rio de Janeiro, Ed. Ática, 1987.
9. MORIN, Edgar. *Paradigma Perdido: a natureza humana*. Portugal, Europa- América, 1973.
10. MULTIEDUCAÇÃO. Secretaria de Educação do Rio de Janeiro.: Núcleo Curricular Básico . Rio de Janeiro. 1996.
11. PERDONCINI, G. e Couto A. *Audição é o Futuro da Criança Surda*. Rio de Janeiro, AIPEDA, 1996.
12. PERDONCINO, G. Yvon Y . *Comunicação Infantil*. Traduzido para a Língua Portuguesa por Alpia couto Lenzi. 5ª ed. Rio de Janeiro, 1977.
13. WERNECK, Claudia. *Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva*. Rio de Janeiro, WVA, 1997.
14. VIANA, Klaus. *A dança*. São Paulo. Edit. Siciliano. 1990.

15. VYGOTSKY. *Obras completas Tomo cinco. Fundamentos de Defectología*. Cidade de la Habaas. Ed. Pueblo y Educacion, 1989.

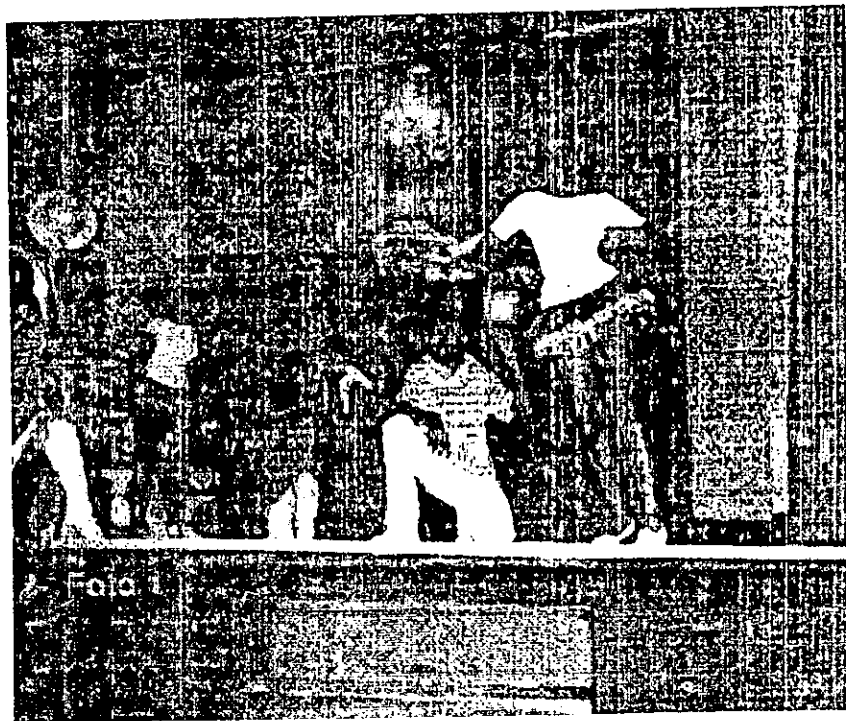
10º Movimento

Anexos

Anexo 1 - Roteiro da Entrevista

- 1- Idade
- 2- Qual escola estuda?
- 3- Integrado ou classe especial?
- 4- Integrado- Quando?
Onde?
Em que série?
Quantos anos?
- 5- Como foi sua integração?
- 6- Quando iniciou no centro de dança?
Idade/Quanto tempo
- 7- Como era sua percepção auditiva antes de frequentar o Centro?
- 8- Como era sua comunicação? Utiliza sinais?
- 9- Como estava na escola?
- 10- Como era sua vida social?
- 11- Depois que passou a ser aluno do CDEDA, quais as modificações:
Audição, quais sons ouve?
Fala- como ficou sua comunicação
Expressão/Criatividade
Compreensão oral
Auto- conhecimento
Auto- estima
Na escola
No aspecto social e familiar.

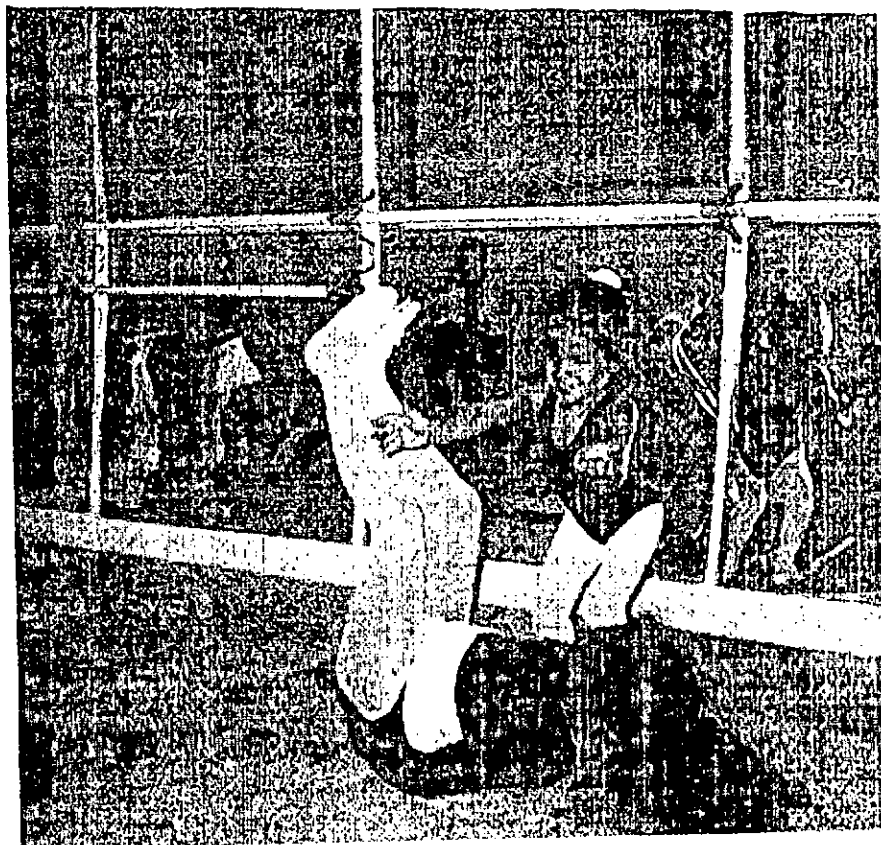
Anexo 2- Foto 1



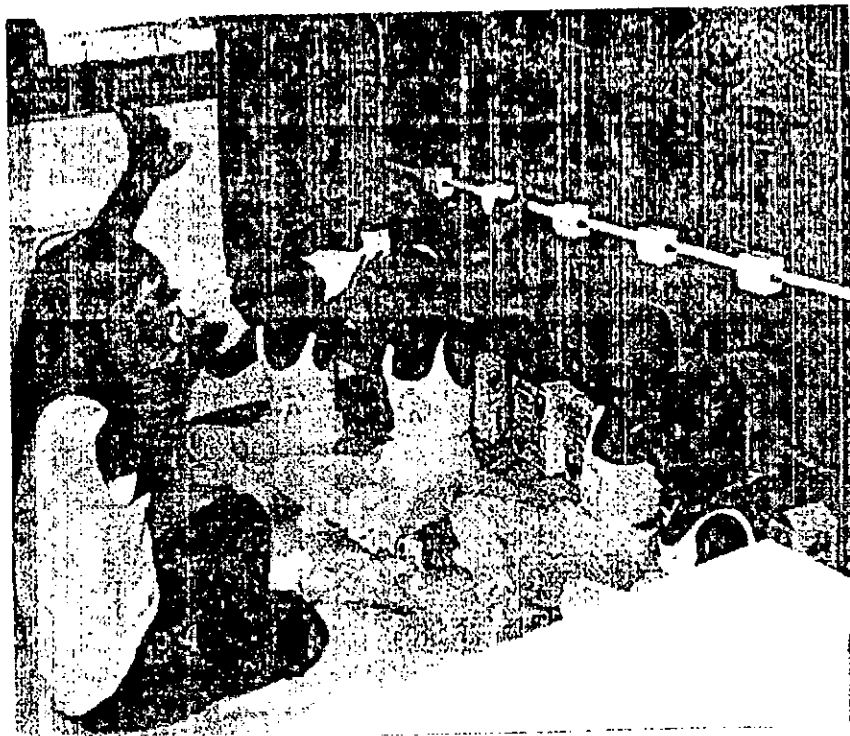
Anexo 3- Foto 2



Anexo 4- Foto 3



Anexo 5- Foto 4



Anexo 6- Foto 5



Anexo 7- Foto 6



Anexo 8- Foto 7



Anexo 9- Foto 8



Anexo 10- Foto 9



Anexo 11- Foto 10



Anexo 3- Audiometria.

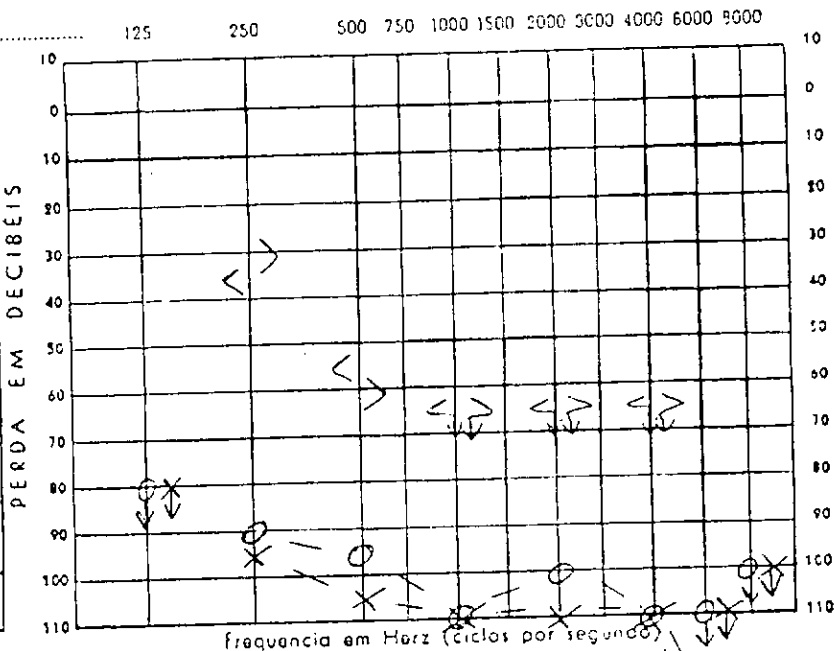
Audimetria 91 e 93 com melhora nas frequências 250 a 4000, onde a aluna percebia essas frequências numa intensidade mais forte, 155 e 120 db, observamos perceber em 100 e 95 db, demonstrando uma melhor utilização de seus resíduos auditivos.

DATA 12.02.93

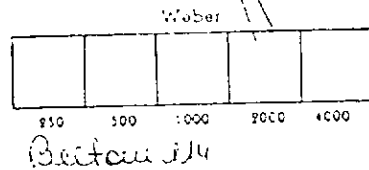
IDADE 6 ANOS

AUDIOGRAMA

TESTE	O. E. AZUL	O. D. VERMELHO
AÉREA	X	O
OSSEA	>	<
NÃO RES. PONDEU	X ↓	O ↓
OSSEA MAS-GARADA	▷	◁
LUSCHER	▲	▲
JERGER	△	△
ACUFENOMETRIA	▽ ^x	○ _▽
LIMIAR DE IRRITABILIDADE	▷	▷
LIMIAR DO-LOROSO	▲	▲



Médias: O. E. O. D.
 Aérea 108 dB 102 dB
 Ossea ↓ ↓
 Discriminação = VIDE-VERSO =

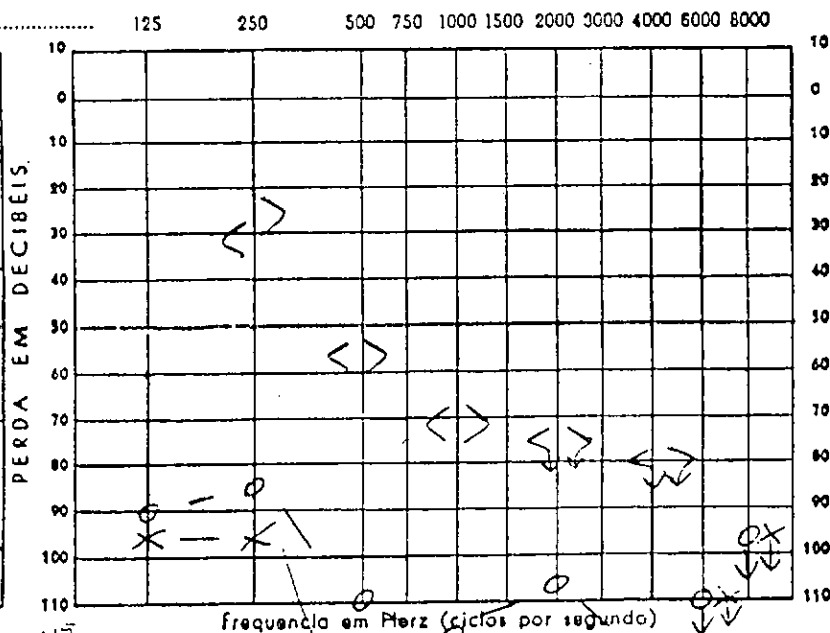


DATA 06.08.91

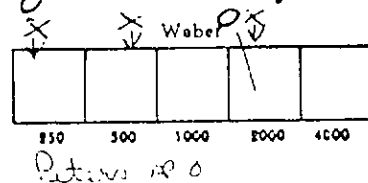
IDADE 5 ANOS

AUDIOGRAMA

TESTE	O. E. AZUL	O. D. VERMELHO
AÉREA	X	O
OSSEA	>	<
NÃO RES. PONDEU	X ↓	O ↓
OSSEA MAS-GARADA	▷	◁
LUSCHER	▲	▲
JERGER	△	△
ACUFENOMETRIA	▽ ^x	○ _▽
LIMIAR DE IRRITABILIDADE	▷	▷
LIMIAR DO-LOROSO	▲	▲



Médias: O. E. O. D.
 Aérea ↓ 110 dB
 Ossea 67+ dB 64+ dB
 Discriminação = VIDE-VERSO =



Anexo 2 - Foto 1